

QUAL O ESPAÇO DA ORALIDADE NOS LIVROS DIDÁTICOS? O CASO DO LIVRO DO 2º ANO DA COLEÇÃO BURITI MAIS PORTUGUÊS

STEFFANNE GARCIA

Graduada do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE-UAG, steffannegarcia@email.com;

LEILA NASCIMENTO DA SILVA

Doutora em educação e professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da UFAPE, leila.nascimento@ufape.edu.br.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma as atividades presentes no livro didático, adotado pelo município de Garanhuns para as turmas do 2º ano, podem auxiliar no desenvolvimento das habilidades de oralidade dos estudantes. Consideramos que o ensino do oral precisa ter espaço garantido na escola e, logo, ser abordado como um dos eixos fundamentais no ensino de Língua Portuguesa, como discute vários autores como Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Leal, Brandão e Lima (2012) que colaboraram, de forma significativa, para o entendimento das dimensões do ensino da oralidade. Esse trabalho teve como referência a pesquisa documental e foi utilizada a abordagem qualitativa. Os resultados mostraram que o livro didático desenvolveu atividades com todas as dimensões da oralidade, mas com ênfases diferentes. Sentimos falta de um maior investimento na exploração de gêneros orais mais formais e na questão da variação linguística. Assim, caberá ao professor buscar outras ferramentas para complementar a sua prática pedagógica destinadas ao ensino da oralidade.

Palavras-chave: Oralidade; Livros didáticos; Ensino; Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem oral é de extrema relevância dentro da sociedade contemporânea em que vivemos, sendo um dos principais meios de comunicação da sociedade moderna. Por isso, é importante que a escola venha desenvolver bem o seu papel nesse sentido de preparar os alunos para as relações pessoais e interpessoais dentro do ambiente escolar e para além da escola.

Em conformidade com o que foi dito acima, Bentes (2010, p.137) afirma que, “deve-se fornecer os contextos, as motivações e as finalidades para o exercício de diferentes oralidades, na sala de aula e fora dela”. Ou seja, a escola pode desenvolver atividades com a oralidade de várias maneiras quando trabalha com a poesia, rodas de conversa, reconto de histórias, dramatização, debates, entrevista, seminário, dentre outros gêneros.

Dessa forma, o livro didático (doravante LD) torna-se uma ferramenta poderosa capaz de auxiliar positivamente o caminho do professor durante o planejamento e a ministração das aulas. Logo, o docente precisa analisar o LD, com bastante atenção, para entender como o livro está estruturado, como os conteúdos estão sendo propostos e o que essas atividades estão orientando. Em seguida, o professor poderá organizar de uma melhor maneira os materiais de apoio que serão utilizados durante as aulas, proporcionando uma educação de qualidade para seus alunos, utilizando o oral como principal objeto de estudo da sua prática pedagógica.

A escolha da análise do livro didático “Buriti Mais Português”, da editora “Moderna” destinado ao 2º ano do ensino fundamental, se deu devido a adoção da rede municipal da cidade de Garanhuns-PE, onde essa pesquisa foi realizada entre os anos de 2019-2020. Essa pesquisa se tornou relevante, pois, nessa fase da educação, o alfabetizar letrando é essencial e deve estar aliada ao eixo da oralidade, e não focada apenas em atividades com o objetivo da apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. À vista disso, utilizamos como aporte teórico os autores, Leal, Brandão e Lima (2012); Leal, Brandão e Nascimento (2010), como também Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que pesquisam nessa linha de estudo sobre a oralidade e os gêneros orais que estão presentes dentro das escolas.

Assim, esse trabalho teve como objetivo geral analisar de que forma as atividades presentes no livro didático, adotado pelo município de

Garanhuns para as turmas do 2º ano, podem auxiliar no desenvolvimento das habilidades de oralidade dos estudantes. Essa pesquisa buscou, especificamente, identificar quais as atividades presentes no livro didático contribuem para o ensino da oralidade; analisar a frequência dessas atividades voltadas para a oralidade; analisar quais os objetivos didáticos subjaz a essas atividades; indicar as dimensões do ensino da oralidade nessas atividades; e por fim, apresentar quais gêneros textuais estão sendo propostos para a realização dessas atividades.

2. A ORALIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO

Vários estudos têm sinalizado que o ensino da oralidade vem perdendo seu espaço na sala de aula. As autoras Leal, Brandão e Nascimento (2010), por exemplo, em pesquisa intitulada “Basta conversar? A prática de ensino da oralidade no segundo ciclo”, conseguiram perceber que professores tinham muitas dificuldades em planejar atividades, cujo o objetivo principal seria o ensino da oralidade. As autoras supracitadas observaram quinze aulas de cinco professoras de escolas públicas que atuam no segundo ano do segundo ciclo da educação básica.

Com base no que foi observado pelas autoras, a primeira professora tinha o foco na leitura, desenvolvendo habilidades e estratégias exclusivas para o eixo da leitura. Sua prática se resumia apenas em debates e discussões. A segunda professora incentivava a argumentação dos alunos a respeito da temática da aula sobretudo por meio das rodas de conversas informais.

A terceira professora observada tinha o foco das suas aulas no eixo da gramática. O gênero debate esteve presente em uma das aulas, o que é positivo para o ensino da oralidade, entretanto, não houve um trabalho a respeito das características desse gênero em sala de aula. Também não houve nenhum tipo de planejamento com foco na oralidade.

A quarta professora utilizou vários gêneros textuais, dentre eles, poema, biografia, letra de música, lista, roteiro de trabalho, etc. A docente também realizou, com a ajuda da turma, uma atividade de elaboração de um roteiro para a realização de uma entrevista. As autoras afirmaram que a professora planejou um momento em que a oralidade esteve entrelaçada juntamente com a escrita, exigindo a concentração dos alunos. Dessa maneira, a quarta professora se mostrou mais preocupada em planejar as aulas, abordando o oral como verdadeiro objeto de estudo.

Já a quinta professora utilizou alguns gêneros em suas aulas como contos, lendas, poemas e receita culinária. A docente fazia a leitura desses textos que estavam no LD e posteriormente fazia algumas perguntas, de forma oral, para os alunos. Em uma outra aula, chegou a ser trabalhada as características da argumentação. De modo geral, tudo ficava muito aberto e solto, assim os debates muitas vezes fugiam do foco principal, e a professora não instigava os alunos a refletirem sobre os seus argumentos.

Desse modo, podemos perceber que esta pesquisa mostrou que muitos professores ainda acreditam que o simples fato de abrir espaços para rodas de conversa para que os alunos debatam a respeito do tema seja o suficiente para que o ensino da oralidade seja concretizado em sala de aula. De acordo com Dolz, Noverraz e Scheuwly (2004) é necessário que a escola possa oferecer diversas situações formais e informais, para favorecer o desenvolvimento dos alunos nas diversas esferas da sociedade. Assim, não basta ler e conversar a respeito do tema, é importante fazer com que os alunos reflitam a respeito das características dos gêneros orais, que estão presentes no nosso cotidiano.

2.1 AS DIMENSÕES DO ENSINO DA ORALIDADE

No artigo que tem como título “O oral como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos?”, as autoras de Leal, Brandão e Lima (2012) trazem uma proposta para o desenvolvimento da oralidade de maneira significativa e para isso sinalizam que as atividades voltadas para o eixo da oralidade precisam estar associadas entre si. Logo, sistematizaram quatro dimensões para o ensino do oral, que são: 1. Oralização do texto escrito; 2. Variação linguística e relações entre fala e escrita; 3. Produção e compreensão de gêneros informais/coloquiais; 4. Produção e compreensão de gêneros orais secundários.

Utilizando como base a sistematização sobre o ensino da oralidade feita pelas autoras supracitadas acima. Acrescentamos ainda mais uma categorização inicial para a realização da análise dessas atividades que foram “Atividades que buscam a valorização de textos de tradição oral”, de acordo com as autoras citadas acima.

Desse modo, a primeira categoria como já foi mencionado acima será a **Valorização de textos de tradição oral**, é fundamental para a nossa comunicação com outras pessoas e que nas escolas as crianças precisam ter um momento para ouvir o colega. É importante que o professor

ensine aos alunos a respeitarem a fala do amigo. Essa primeira dimensão busca desenvolver com os alunos o trabalho com a leitura em voz alta, aspectos para linguísticos, recitação de poemas, entre outros aspectos da fala.

Conforme as autoras, citadas acima, é importante o desenvolvimento de alguns gêneros orais como parlendas, cantigas, lendas, receitas, trava-língua na escola. Em conformidade, com Havelock (1996), as canções são fundamentais durante a infância e precisam estar inseridas nas atividades diárias dos alunos. Os alunos já sabem cantar muitas parlendas o professor pode produzir um jogo bem interessante com seus alunos que inclua esse gênero da oralidade.

A segunda dimensão, é a **Oralização do texto escrito**, que também é muito importante, porque o aluno vai utilizar a linguagem verbal para ler o seu texto. Conforme criamos o hábito de ler em voz alta, colabora para desenvolver as habilidade da fala, como ritmo, tom de voz, e posturas mais adequadas.

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 225), “Treinar a fala envolve a altura da voz, a velocidade, o gerenciamento de pausas nas apresentações”. Dessa forma, inserir os alunos em peças teatrais colabora e muito para o desenvolvimento deles, pois estão praticando os tons da fala e começam a aprender as variações que a linguagem oral permite em vários contextos.

A terceira dimensão é a **Produção e compreensão de gêneros informais/coloquiais**, nessa categoria o desenvolvimento da oralidade dos alunos se dá por meio da conversa sobre o tema que estão estudando, a interpretação oral do texto verbal em que os alunos começam a se apropriar das características do gênero que estão estudando. Outro ponto é a conversa entre os colegas para a realização de atividades, que também é importante e colabora para o progresso da aprendizagem da oralidade dos alunos.

A quarta categoria é denominada **Variação linguística e relações fala e escrita**, a variação linguística ocorre conforme a realidade social de cada comunidade. Logo, o meio de se comunicar sofre mudanças, por isso é importante estudar com os alunos as falas formais e informais pois estamos inseridos em uma sociedade em que somos produtores de cultura, assim a oralidade sofre mudanças constantes.

Existem alguns gêneros textuais que podem colaborar com essa relação entre a fala e a escrita, como por exemplo, uma entrevista, um texto para uma peça de teatro, são excelentes exemplos onde o aluno

pode perceber a relação que existe entre a fala e a escrita. Conforme Leal, Brandão e Lima (2012, p.06), é importante “os estudantes perceberem que a fala é tão importante quanto a escrita e que também é regida por regularidades”.

A quinta categoria é a **Produção e compreensão de gêneros orais secundários**. Nessa dimensão o foco é estimular os alunos a produzirem textos na forma oral, pois quanto mais contato eles tiverem com os gêneros orais mais chances terão de dominá-los e, assim, estarão mais seguros quando precisarem utilizar esse gênero oral em algum diálogo. Nesse caso, a sequência didática pode colaborar para o espaço da oralidade na escola e conseguir juntar a relação da fala e escrita a partir de atividades sistematizadas que conseguirão colaborar com aprendizagem dos alunos.

3. O ENSINO DA ORALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO BURITI MAIS PORTUGUÊS

Em relação a metodologia, essa pesquisa foi do tipo documental: “A análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse”. (CAULLEY APUD LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.38). Esse tipo de pesquisa proporciona ao pesquisador um contato direto e aprofundado com o documento que está sendo analisado, podendo assim revelar novas informações e aspectos a respeito do objeto de estudo.

A abordagem foi a qualitativa, que segundo Ludké e André (1986), permite que o pesquisador possa entender melhor o seu objeto de estudo por meio da coleta de dados, compreendendo assim as características específicas do seu objeto de pesquisa.

A abordagem de análise dos dados foi a análise de conteúdo. Conforme, Bardin (2011), deve iniciar pela pré-análise, em seguida pela exploração do documento, a discussão dos dados e por fim os resultados. Esse método, permite que o pesquisador se aprofunde minuciosamente sobre as informações que estão descritas no documento de maneira exploratória, propiciando a descoberta de novos elementos no material analisado, que até o momento não estavam evidentes.

Com base na análise minuciosa do LD foi possível realizar a categorização de todas as atividades destinadas ao desenvolvimento da oralidade presentes no LD. Foi possível perceber que todas as dimensões

sistematizadas por Leal, Brandão e Nascimento (2010) foram contempladas durante as unidades do LD, como veremos a seguir.

Em relação a dimensão da **valorização de textos de tradição oral** foram encontradas, no total, 35 atividades destinadas a essa dimensão da oralidade, o que representa cerca de 13,8% das atividades do LD. A quantidade de quadrinhas da tradição oral foi bem baixa quando comparamos com a quantidade das parlendas e trava-línguas, os quais estiveram bastante presentes durante as atividades do LD.

Agora, iniciaremos mostrando uma atividade em relação a uma cantiga acumulativa, representando a dimensão da valorização de textos de tradição oral.

Figura 01 - Cantiga acumulativa.



1 **VOCÊ VAI LER, COM A AJUDA DO PROFESSOR, UMA CANTIGA ACUMULATIVA. TEXTO DO FOLCLORE BRASILEIRO QUE BRINCA COM A REPETIÇÃO DE VERSOS. LIA E, DEPOIS, CANTE COM OS COLEGAS.**

Os versos sublinhados são a resposta da atividade 3.

NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ

FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ
QUE EU COMPREI UM PIANINHO.
PLIM, PLIM, PLIM, UM PIANINHO.

BIS AI OLÉ! AI OLÉ!
FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ

FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ
QUE EU COMPREI UM VIOLÃO.
DÃO, DÃO, DÃO, UM VIOLÃO,
PLIM, PLIM, PLIM, UM PIANINHO.

BIS AI OLÉ! AI OLÉ!
FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ

FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ
QUE EU COMPREI UMA FLAUTINHA.
FLÁ, FLÁ, FLÁ, UMA FLAUTINHA,
DÃO, DÃO, DÃO, UM VIOLÃO,
PLIM, PLIM, PLIM, UM PIANINHO.

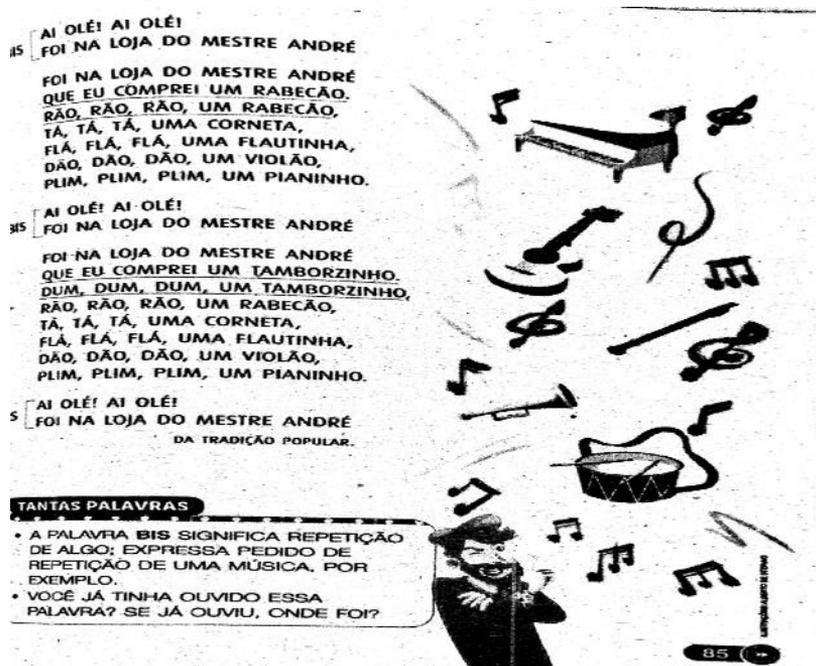
BIS AI OLÉ! AI OLÉ!
FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ

FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ
QUE EU COMPREI UMA CORNETA.
TÁ, TÁ, TÁ, UMA CORNETA,
FLÁ, FLÁ, FLÁ, UMA FLAUTINHA,
DÃO, DÃO, DÃO, UM VIOLÃO,
PLIM, PLIM, PLIM, UM PIANINHO.

84

Fonte: Acervo do Livro Didático Buriti mais Português (2017).

Figura 02 - Continuação da cantiga acumulativa.



15 AI OLÉ! AI OLÉ!
FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ
FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ
QUE EU COMPREI UM RABECÃO.
RÃO, RÃO, RÃO, UM RABECÃO,
TÁ, TÁ, TÁ, UMA CORNETA,
FLÁ, FLÁ, FLÁ, UMA FLAUTINHA,
DÃO, DÃO, DÃO, UM VIOLÃO,
PLIM, PLIM, PLIM, UM PIANINHO.

35 AI OLÉ! AI OLÉ!
FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ
FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ
QUE EU COMPREI UM TAMBORZINHO.
DUM, DUM, DUM, UM TAMBORZINHO,
RÃO, RÃO, RÃO, UM RABECÃO,
TÁ, TÁ, TÁ, UMA CORNETA,
FLÁ, FLÁ, FLÁ, UMA FLAUTINHA,
DÃO, DÃO, DÃO, UM VIOLÃO,
PLIM, PLIM, PLIM, UM PIANINHO.

5 AI OLÉ! AI OLÉ!
FOI NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ
DA TRADIÇÃO POPULAR.

TANTAS PALAVRAS

- A PALAVRA **BIS** SIGNIFICA REPETIÇÃO DE ALGO; EXPRESSA PEDIDO DE REPETIÇÃO DE UMA MÚSICA, POR EXEMPLO.
- VOCÊ JÁ TINHA OUVIDO ESSA PALAVRA? SE JÁ OUVIU, ONDE FOI?

85

Fonte: Acervo do Livro Didático Buriti mais Português (2017).

Nesse momento, o LD traz essa proposta de uma cantiga acumulativa que tem origem do folclore brasileiro, valorizando assim os textos de tradição oral. Trata-se de uma proposta bem interessante, porque nessa atividade está sendo trabalhada também a oralização de textos escritos, a partir da leitura em voz alta. Percebemos que essa e outras propostas de atividades sugeridas pelo LD muitas vezes abordaram mais de uma dimensão ao mesmo tempo. Na atividade abaixo veremos que a 3ª categoria também foi contemplada quando a questão pede para que os alunos conversem com os colegas.

Figura 03 - Atividade referente à cantiga acumulativa.



PARA COMPREENDER O TEXTO

1 CONVERSE COM OS COLEGAS.

- A LOJA DO MESTRE ANDRÉ VENDE QUE TIPO DE OBJETO?
- VOCÊ CONHECE ALGUMA CANTIGA OU ALGUM POEMA EM QUE OS VERSOS DAS ESTROFES SE REPETEM? QUAL?
- É FÁCIL FALAR OU CANTAR A CANTIGA SEM ESQUECER OS VERSOS QUE SE REPETEM? EXPLIQUE.
- É POSSÍVEL INVENTAR OUTROS VERSOS PARA A CANTIGA?

Fonte: Acervo do Livro Didático Buriti mais Português (2017).

Nesse momento está sendo trabalhada a cantiga acumulativa, a qual abre espaço para os alunos falarem um pouco sobre o tema e sobre o gênero cantiga. Destacamos que essa cantiga colabora para a valorização cultural dos alunos, na qual as mesmas foram passadas de geração em geração e deve fazer parte da identidade dos alunos. É também um momento importante na sala de aula, pois proporciona a exploração do gênero lido.

Na categoria da **oralização de textos escritos** foram encontradas 69 atividades, totalizando 27,25% dos exercícios destinados ao trabalho com a oralidade. Dessas atividades, observamos o trabalho com a leitura em voz alta; leitura dramatizada; leitura jogralizada; recitação de trava-línguas e parlendas. Nessa categoria, a leitura em voz alta teve uma forte presença na maioria das atividades, como a segunda que mais apareceu. O que acreditamos ser um ponto positivo, pois desde cedo deve-se trabalhar com a leitura em voz alta para que o aluno desenvolva melhor essa habilidade.

Acreditamos que um dos motivos para que a leitura em voz alta tenha aparecido com muita frequência é o fato desse LD ser destinado às turmas do 2º ano, no qual é esperado que os alunos concluam o ciclo de alfabetização lendo com certa fluência.

Conforme, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a leitura em voz alta vai contemplar vários aspectos da fala que são importantes durante a comunicação oral, a altura, o timbre, as pausas e principalmente a fluência da leitura. Tendo em vista que a oralização de textos escritos demanda que seja realizada primeiro a leitura do texto e posteriormente a oralização do mesmo, tiveram várias propostas do LD para a recitação de alguns textos.

Nessa dimensão da oralização dos textos escritos vamos dar destaque a uma atividade que busca a contribuição para a recitação de trava-línguas, tendo em vista que os alunos nessa faixa etária se sentem atraídos por esse gênero, e que exige do aluno uma desenvoltura em relação à comunicação oral, pois não é fácil recitar um trava-línguas. Dessa forma, é necessário que o LD abra espaço para esses momentos do desenvolvimento da linguagem oral em interface com a leitura.

Figura 04 - Trava- Línguas populares.


COMUNICAÇÃO ORAL

RECITANDO TRAVA-LÍNGUAS

- 1** A CLASSE VAI REALIZAR UM CONCURSO DE RECITAÇÃO DE TRAVA-LÍNGUAS.
- 2** GUARDE BEM AS REGRAS DO CONCURSO.
 - RECITAR O TRAVA-LÍNGUA SEM LER.
 - RECITAR O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL, SEM GAGUEJAR NEM ENROLAR A LÍNGUA.
 - PRONUNCIAR TODAS AS PALAVRAS CLARAMENTE.
 - O VENCEDOR SERÁ ESCOLHIDO PELA CLASSE.
- 3** ESCOLHA UM DOS TRAVA-LÍNGUAS ABAIXO PARA VOCÊ RECITAR.
 - ENSAIE SEU TRAVA-LÍNGUA QUANTAS VEZES PRECISAR. VOCÊ PODE USAR GESTOS PARA TORNAR SUA RECITAÇÃO MAIS DIVERTIDA.



TRÊS PRATOS DE TRIGO
PARA TRÊS TIGRES TRISTES.



A VACA MALHADA FOI MOLHADA
POR OUTRA VACA MOLHADA E MALHADA.



O COZINHEIRO COCHICHOU QUE
HAVIA COZIDO CHUCHU CHOCHO
NUM TACHO SUJO.

| AUTOAVALIAÇÃO | 👍 | 👎 |
|--------------------------------------|---|---|
| RECITEI BEM DEPRESSA O TRAVA-LÍNGUA? | | |
| PRONUNCIEI CLARAMENTE AS PALAVRAS? | | |
| FIZ UMA APRESENTAÇÃO DIVERTIDA? | | |

Fonte: Acervo do Livro Didático Buriti mais Português (2017).

Como podemos observar, a primeira questão pede para que os alunos recitem o trava-línguas, o que faz com que os alunos pratiquem a leitura em voz alta e posteriormente consigam recitá-la. Esse gênero é um pouco difícil para os alunos, mas por meio da brincadeira eles podem praticar a recitação do texto o que é bem produtivo.

Na questão 3, o LD traz algumas sugestões para que os alunos escolham a que mais gostarem e que também possam tentar recitá-la. No final da página, temos a opção auto avaliação, na qual possibilita que os alunos possam se avaliar de forma individual, tendo em vista as características do gênero trava-línguas. Dessa forma, os alunos vão se apropriando das características do gênero a partir do momento que a praticam e ao final da atividade podem se autoavaliarem e, assim, terão a chance de melhorar, em outra atividade voltada para o mesmo gênero, posteriormente. Isso colabora para a apropriação da língua falada, pois conforme Câmara (1977), as pessoas precisam aprender a falar de forma adequada para cada situação do cotidiano, desenvolvendo, assim, o seu papel de indivíduo dentro da sociedade.

Como já pontuamos anteriormente, o LD trabalha bastante com a dimensão da **produção e compreensão dos gêneros conversa/discussão**. Nessa dimensão foram registrados 87 atividades, totalizando 34,3% de atividades considerando a oralidade como objeto de estudo. Agora veremos uma atividade que contemplou essa dimensão no LD.

Figura 05 - Atividade de interpretação oral do texto não verbal.



Fonte: Acervo do Livro Didático Buriti mais Português (2017).

Essa atividade abre a unidade II do LD. Nesse primeiro ponto “O que eu vejo” pede para o aluno observar bem a imagem e, logo, em seguida ir conversar com o seu colega a respeito do que entenderam sobre a mesma, contemplando, assim, a conversa sobre o tema, ao mesmo tempo, que exige que os alunos consigam interpretar o significado do texto não-verbal. Esta imagem é uma ilusão de ótica que exigirá uma concentração maior do aluno para conseguir responder, de forma oral, as perguntas referentes à imagem.

Quando o LD propõe que os alunos conversem entre si, está abrindo espaço para a exposição oral dos alunos a respeito dos seus conhecimentos sobre aquele tema, o que colabora significativamente para aumentar o vocabulário e o entendimento dos alunos acerca do tema. Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) é importante que os alunos conheçam as mais variadas maneiras de se conversar.

Em seguida, temos a categoria reflexões sobre **variação linguística, vocabulário e relações entre fala e escrita**. Foram encontradas 36 atividades, perfazendo 14,2% de tarefas direcionadas para essa dimensão. Observamos que várias habilidades referentes a essa categoria

apareceram na obra, dentre elas: discussão sobre o significado de palavras e expressões do vocabulário; a comparação entre diferentes variantes orais; a comparação entre registros escritos e variantes orais; o uso da escrita como apoio a produção oral e atividades de retextualização.

Contudo, ressaltamos que nem todas essas habilidades foram contempladas de maneira suficiente, pois muitas vezes apareceram de forma isolada. Por exemplo, a habilidade de comparar diferentes variantes orais foi a que menos foi abordada. Essa pouca frequência prejudica a compreensão dos alunos em relação a aprender a discutir sobre o significado das palavras e suas variações, além de não compreenderem melhor a relação da oralidade com a escrita, como também prejudica os alunos na realização de atividades de retextualização. Assim, consideramos o pouco investimento nesse tópico como um ponto negativo para o LD.

Nessa dimensão que é voltada para o vocabulário, a variação linguística e relações entre fala e escrita, mostraremos, abaixo, uma atividade, da unidade 3, que contempla a discussão do significado de palavras no texto, como também propõe o trabalho em dupla para a retextualização do final da fábula trabalhada em sala de aula.

Figura 06 - Fábula o leão e o ratinho.

TEXTO
1 VOCÊ VAI LER UMA FÁBULA. ELA CONTA A HISTÓRIA DE UM RATINHO QUE CAIU, SEM QUERER, NAS GARRAS DE UM LEÃO.

O LEÃO E O RATINHO

UM LEÃO ESTAVA DORMINDO E ACORDOU COM AS CÓCEGAS QUE UM RATINHO FAZIA AO CORRER NO SEU FOCINHO. COM UM TERRÍVEL RUGIDO, O LEÃO AGARROU O IMPORTUNO E IA DEVORÁ-LO, QUANDO O RATINHO DISSE:

— POR FAVOR, POUPE MINHA VIDA! EU SABEREI RETRIBUIR A SUA GENEROSIDADE!

O REI DOS ANIMAIS ACHOU GRAÇA DA PRETENSÃO DO RATINHO. COMO É QUE UM SIMPLES CAMUNDONGO PODERIA AJUDAR UMA FERA TÃO PODEROSA? ACHOU TANTA GRAÇA QUE SOLTOU O INFELIZ.

TEMPOS DEPOIS, O LEÃO CAIU NUMA REDE ARMADA PELOS CAÇADORES E ALI SE DEBATIA QUANDO CHEGOU O RATINHO, QUE TINHA OUVIDO OS SEUS RUGIDOS.

— ESPERE UM POUCO! — DISSE O RATINHO. E, ROENDO AS MALHAS DA REDE, LIBERTOU O LEÃO.

“OS FRACOS TAMBÉM PODEM AJUDAR OS FORTES.”

GUILHERME FIGUEIREDO. FÁBULAS DE ESOPHO. SÃO PAULO: EDIOLURO, 2005.

Fonte: Acervo do Livro Didático Buriti mais Português (2017).

Inicialmente o LD traz como proposta que o aluno faça a leitura da fábula: “O leão e o ratinho”. Em seguida, surge a proposta de atividade referente a esse gênero textual, vejamos a seguir.

Figura 07- Atividade referente a fábula o leão e o ratinho.

PARA COMPREENDER O TEXTO

1 CONVERSE COM OS COLEGAS.

- QUEM SÃO AS PERSONAGENS DA HISTÓRIA?
- QUE PERSONAGEM É A MAIS FORTE?
- NO COMEÇO DA HISTÓRIA, O LEÃO QUER DEVORAR O RATINHO. “DEVORAR” É A MESMA COISA QUE “COMER”? POR QUE O AUTOR USOU A PALAVRA “DEVORAR”?
- O LEÃO SOLTOU O RATINHO PORQUE TEVE RESPEITO POR ELE?
- VOCÊ JÁ CONHECIA ESSA FÁBULA? O QUE ACHOU DELA?

Fonte: Acervo do Livro Didático Buriti mais Português (2017).

Inicialmente, como podemos perceber essa atividade é trabalhado com mais de uma dimensão, em específico com a 2ª e a 3ª dimensão da oralidade, pois pede que os alunos conversem entre si a respeito da atividade, mais focaremos na 2ª dimensão com o significado de palavras que foram usadas no texto. Ao perguntar a respeito das palavras “devorar e comer”, os alunos vão ter que se expressar a respeito do significado de cada uma dessas palavras, trabalhando, assim, o vocabulário, com o significado de cada uma dessas duas palavras dentro do texto.

Porém, destacamos que o trabalho com a variação linguística e as relações entre fala e escrita nessa proposta apresentada acima aparecem de forma superficial, o LD tem pouquíssimas atividades em que trabalha especificamente com a variação linguística. De acordo com Bagno (1998), o trabalho com a variação linguística não pode ser deixado de lado, e deve fazer parte do conteúdo que vai ser estudado pelos alunos de acordo com LD, e caso esse assunto da variação linguística não tenha tanto espaço durante o ano letivo é necessário que o professor complemente esse material, realizando um trabalho ou um projeto com a turma.

E por fim, temos o exemplo da última dimensão que é a **produção e compreensão de gêneros secundários**, essa categoria foi a menos contemplada no LD. Teve uma frequência de 26 atividades para o desenvolvimento da oralidade, totalizando 10,2% das tarefas do LD. Identificamos uma presença baixa de gêneros orais importantes tais como a entrevista, o depoimento oral, o relato pessoal; o discurso de defesa/acusação; exposição oral e instruções de brincadeiras.

Não identificamos a presença dos gêneros debates ou representação teatral ou notícias orais como, por exemplo, o jornal falado. A vista disso, podemos ressaltar a relevância do gênero entrevista que foi proposto no LD, tendo em vista, que se trata de um gênero secundário de mais difícil compreensão seria necessário que esse gênero apareça mais vezes para que os alunos consigam a apropriação desse gênero. Desse modo, queremos destacar uma das atividades que o livro contemplou a produção e compreensão de gêneros secundários. Vejamos as orientações que foram dadas pelo LD para a realização dessa atividade.

Figura 08 - Entrevistando um adulto.

Comunicação oral

Entrevistando um adulto

Provavelmente, os contos de fadas fizeram parte da infância de seus pais, de seus avós e dos pais de seus avós.
O professor vai convidar um adulto e vocês vão entrevistá-lo para saber como os contos de fadas fizeram parte da vida dele.

1 Formem grupos e escrevam as perguntas que vão fazer ao entrevistado. Vocês podem perguntar, por exemplo:

- qual ou quais eram as histórias preferidas dele;
- quem lia ou contava a história para ele;
- se a pessoa contava a história sempre do mesmo jeito ou fazia mudanças;
- quando ele começou a ler as histórias sozinho.

2 Com a ajuda do professor, reúnam as perguntas dos grupos e escolham as mais interessantes para a entrevista.

- Definam quem fará cada pergunta.

3 No dia da entrevista, acompanhe atentamente as respostas do entrevistado.

- Se a resposta do entrevistado estimular você a fazer uma nova pergunta, peça a palavra levantando a mão.



| Autoavaliação |  |  |
|---|---|---|
| Ajudei meu grupo a formular perguntas claras? | | |
| Acompanhei as perguntas e as respostas atentamente? | | |
| Fiz novas perguntas ao entrevistado, além das que foram escolhidas antes da entrevista? | | |

187

Fonte: Acervo do Livro Didático Buriti mais Português (2017).

Podemos perceber que o LD traz a proposta de algumas perguntas que podem ser feitas para o adulto, mas um ponto positivo é que o livro deixa em aberto essa construção das perguntas. Os alunos são incentivados a construir outras questões, o que colabora bastante para o desenvolvimento do vocabulário deles, a partir da conversa eles poderão praticar o timbre de voz, poderão escolher as perguntas que farão; em seguida, deverão se organizar para escolher as pessoas que ficarão responsáveis por realizarem as perguntas para o entrevistado. Leal e Seal (2012) esclarecem a importância do trabalho com o gênero entrevista em sala de aula.

Planejar as entrevistas tendo os objetivos citados em mente, entrevistar as pessoas, analisar as entrevistas e usar dados coletados por meio de entrevistas no texto escrito são habilidades complexas que podem ajudar os estudantes a desenvolver muitas habilidades de leitura, escrita e oralidade (LEAL; SEAL, 2012, p. 79).

Dessa forma, é necessário que os alunos tenham mais momentos como esses, nos quais o contato com os gêneros secundários sejam mais frequentes e aprofundado, colaborando para o desenvolvimento dessas habilidades que são mais complexas para os alunos se apropriarem.

No final da página temos a autoavaliação que colabora com a finalização dessa atividade, na qual proporciona que o aluno consiga se autoavaliar nesse processo tendo em vista as características do gênero entrevista que foram trabalhados em sala anteriormente do dia da realização da entrevista.

O que podemos afirmar é que houve poucas atividades utilizando gêneros secundários nesse LD. Sabe-se que os gêneros secundários são mais complexos e por isso necessitam que sejam trabalhados em sala de aula de maneira sistemática, com a organização de projetos didáticos para a sala de aula, quando bem planejados conseguem alcançar bons resultados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise das atividades do livro didático “Buriti mais Português” realizada no tópico anterior, pudemos responder as questões que direcionaram este trabalho. Desta forma, as atividades que foram propostas para o ensino da oralidade para turmas do 2º ano no município de Garanhuns-PE contemplaram todas as categorias que são propostas pelas especialistas na área Brandão, Leal e Lima (2012), A categoria que mais apareceu foi à produção e compreensão de gêneros informais/coloquiais, a categoria que se mostrou um pouco ausente durante as unidades do Livro Didático foi a de produção e compreensão de gêneros secundários.

Dessa forma, os objetivos que estão por trás dessas atividades encontradas no LD são os mais variados possíveis, pois permitem que os alunos tenham experiências que serão produtivas para todos, tendo como base as quatro dimensões que alicerçaram essa pesquisa. No tocante aos gêneros propostos, encontramos poesias, trava-línguas, parlendas, canções, cordel, poemas, relato pessoal, entrevista, narração de fábulas, cantiga acumulativa, dentre outros. A partir desses gêneros, os alunos começam a se apropriar ainda mais dos gêneros que fazem parte do dia a dia deles, o que colabora para a valorização da identidade de cada um.

Mesmo com certas ausências, como enfatizamos mais acima existem algumas lacunas na última categoria destinada aos gêneros secundários

com uma frequência apenas de 10,2%, mas também houveram lacunas nas atividades destinadas a variação linguística com apenas 14,2%, dessa porcentagem apenas houve uma atividade destinada exclusivamente para a variação linguística o restante eram atividades voltadas para o vocabulário e relações entre fala e escrita.

Dessa maneira indicamos que o professor deve complementar algumas atividades em sala de aula para suprir esse espaço do LD na formação dos seus alunos, dentre essas atividades propomos a exposição oral, o debate em sala de aula, o trabalho com notícias ou reportagens utilizando o jornal falado, muitas são as possibilidades que o professor pode utilizar nesse percurso.

É preciso salientar que os exercícios que foram propostos pelo Livro Didático analisado contribuem, sim, de forma significativa nesse processo de ensino e aprendizagem, pois são muitas as sugestões destinadas ao trabalho com a oralidade. Dessa forma foi possível perceber que o ensino da oralidade é bem abrangente e exige do professor um conhecimento na área para que possa assim desenvolver um bom trabalho em sua turma.

Dessa maneira indicamos que o professor deve complementar algumas atividades em sala de aula para suprir esse espaço do LD na formação dos seus alunos, dentre essas atividades propomos a exposição oral, o debate em sala de aula, o trabalho com notícias ou reportagens utilizando o jornal falado, muitas são as possibilidades que o professor pode utilizar nesse percurso.

Em relação à frequência dessas atividades voltadas para o desenvolvimento do oral podemos afirmar que elas estão por todo o livro didático, mas ressaltamos quando comparado à quantidade de questões voltadas para a oralidade com o restante das questões destinadas a outros objetivos distintos para a escrita, e a gramática, a quantidade não chega nem próximo à metade das questões do livro.

Por fim, indicamos o livro didático “Buriti mais Português” da editora moderna, afirmando que o mesmo tem em muito a oferecer ao ensino da oralidade em turmas do 2º ano do ensino fundamental, e cabe a todos os envolvidos no processo da educação em compartilharem ideias e sugestões para que esse objeto de estudo comece a ocupar cada vez mais os espaços dentro e fora das escolas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é e como se faz. São Paulo: Loyola, 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2011.

BENTES, A, C. **Linguagem oral no espaço escolar**: Rediscutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. Cap. 6. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19). Disponível em: http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/biblioteca/2011_lingua_portuguesa_capa.pdf. Acesso em: 22 set. 2021.

CÂMARA, J.; JOAQUIM, M. **Manual de expressão oral e escrita**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

CAULLEY, D. N. **Document Analysis in Program Evaluation**. Portland: (org). Northwest Regional Education Laboratory, 1981.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHEUWLY, B. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHENEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Glaís Sales Cordeiro e Roxane Rojo. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. Disponível em: <https://www.mercado-de-letras.com.br/resumos/pdf-17-09-15-21-21-14.pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

HAVELOCK, E. **Prefácio a Platão**. 3.ed. São Paulo: Papyrus, 1996.

LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P.; LIMA, M. A. Oralidade como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos?. In: GOIS, Siane; LEAL, Telma, F. (Orgs). **A oralidade na escola**: a investigação do trabalho docente como reflexão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 13-35.

LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P.; NASCIMENTO, B. E. S. Basta conversar? A prática de ensino da oralidade no segundo ciclo. In: HEINIG, Otília; FRONZA, Cátia de A. (Orgs). **Diálogos entre linguística e educação**. Blumenau: Edifurb, 2010. p. 91-114.

LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane (Orgs.). **A oralidade na escola:** a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.

LEAL, Telma Ferraz; SEAL, Ana Gabriela de Souza. Entrevistas: propostas de ensino em livros didáticos. *In:* LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane (Orgs.). **A oralidade na escola:** a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012. p 73-94.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação:** Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada. *In:* DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Livro Didático de Português:** múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. Disponível em: <http://www.site.feuc.br/khora/index.php/vol/article/download/167/114>. Acesso em: 15 set. 2021.